

A volta ao passado no ensino

GILLES LAPOUGE

Notícia correspondente FAU

14 FEV 1985 Educação

seus ou piqueniques. Resultado: o nível de conhecimento e raciocínio dos alunos caiu em proporções dramáticas. Ao terminar o curso elementar, uma criança em cada três sabia apenas ler e escrever, mal e mal. Quanto ao cálculo, aprendido através da matemática moderna, o resultado foi um caos. Das outras matérias — História, Geografia — nem falar: eram totalmente ignoradas. Tanto que, no início dos estudos secundários, os colégios recebiam carregamentos e carregamentos de crianças sem a menor base, condenadas a perecer rapidamente ao longo do ciclo ginasio-colégio.

Ora, essa liquidação da leitura, da arte de escrever, da matemática, da história, da geografia, das ciências, foi tanto mais perniciosa quando se recorda que a nossa sociedade moderna já sofre da tendência de privilegiar a imagem em detrimento da escrita. Vimos, aos poucos, ir-se formando uma sociedade do tipo audiovisual, na qual Gutenberg não teria lugar: seria um marginal. Ora, diante dessa situação, todos os governos que se vêm sucedendo há 40 anos, adotaram a mesma política: nada fizeram. Todo mundo sabia que se estava preparando um desastre, mas ninguém ousava dizer coisa alguma contra a tendência da época. Ninguém ousou voltar atrás, pelo receio de ser chamado de passadista, obscurantista, arcaico, e de se tornar para sempre impopular. Há que admitir que os socialistas mostram uma grande coragem, nesse sentido e nesse domínio, como em tantos outros, ousando enfrentar o fantasma da impopularidade, a fim de restabelecer o que tantos outros comprometeram e estragaram.

Claro que seria péssimo assumir uma posição simples de ir contra tudo o que foi feito, revertendo as influências cultivadas em 40 anos, e pregando um retorno à escola rebarbativa do século passado. Mas fazer com que as crianças trabalhem, orientar bem os seus professores, arquivar no sótão dos erros os tais 'métodos novos', que não passaram no exame (claro fique que existe métodos novos fecundos e de valor), restabelecer a instrução cívica, passar lição de casa, marcar lições para serem estudadas e apreendidas, restaurar uma certa distância entre aluno e professor (sem, é evidente, uma volta à brutalidade e ao sadismo das escolas do século XIX) — tudo isso nos parece, sim, salubre e urgente. E tanto mais notável por ser um governo de esquerda que empreende essa guerra aos sonhos — que, na sua maioria, nasceram na própria esquerda, mas foram postos em prática pela direita.

PARIS — Mais uma surpresa da parte dos socialistas: o ministro da Educação apresentou ontem um plano que faz com que o ensino elementar (que vai até os 11 anos das crianças) retroceda de 30 anos, senão de 50. O projeto de Jacques Chevenement, ele mesmo filho de professor, é muito claro: designa certas tarefas imperativas à escola primária, que são ensinar as crianças a ler, escrever e contar. Restabelece a hierarquia, os controles, a lição de casa e os exercícios em classe. Atira às urtigas tudo o que é "método novo".

Dessa forma, o ministro socialista da Educação Nacional rompe brutalmente com tudo o que se realizou, em termos de pedagogia, na França, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. E, mais particularmente, acaba com os sonhos nascidos das rebeliões estudantis de maio de 1968 contra o poder do general De Gaulle. Paradoxo, e amargo, da História: é um governo de esquerda que liquida com os lirismos pedagógicos originários da revolta esquerdista e libertária de maio de 68.

Mas qual era, exatamente, a linha do ensino francês desenvolvida continuamente a partir da libertação de 1945 e acelerada a partir de 1968? A idéia básica era a de que a escola deveria transformar-se num local cheio de liberdade, de alegria mesmo. Um lugar em que, sob o olhar benevolente de mestres maravilhosos, as crianças aprenderiam como que brincando, quase que em sonho, sem ter aulas, sem fazer lição. Partia-se da convicção de que cada criança era uma maquininha cheia de inteligência, de dons, de imaginação, desde que essas virtudes não fossem afogadas por um professor severo, rigoroso e poeirento. Escola: um local de vida, não de mero aprendizado. Dava-se fim às terríveis escolas do século XIX, com os seus muros cinzentos e sombrios, mapas pendurados nas paredes, a régua do professor em lugar de destaque e umas 30 cabecinhas inclinadas sobre as cópias, da manhã à noite. Ou seja: a fim de permitir que o ensino penetrasse nas crianças sem dor e sem trabalho introduziram-se todos os métodos novos possíveis e imagináveis. Por exemplo: aprender a ler, só pelo 'método global'. Matemática, só a 'moderna'. Nada mais, quase de programas fixos. A ordem era formar os espíritos, não mobiliá-los.

Em princípio, uma idéia muito boa. Infelizmente, com o passar dos anos essas atividades destinadas ao despertar da criança foram degenerando. E viraram uma espécie de festa, de pas-